

**20/5/1984**

**Federação mostra o perfil do novo trabalhador rural**

SÃO PAULO — O Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de São Paulo (Fetaesp), Roberto Horiguti, diz que o número de bóias-frias no Estado aumentou muito nos últimos 10 anos, devido ao Programa do Alcool — (Proálcool).

— Fizemos um levantamento — explica ele — e constatamos que muitos dos bóias-frias de hoje são ex-pequenos proprietários rurais, donos de glebas de um a dois alqueires, que foram engolidos pelos grandes fazendeiros, que decidiram plantar cana e compraram todas as pequenas áreas ainda existentes, formando os latifúndios encontrados atualmente no interior de São Paulo. Os antigos pequenos proprietários gastaram todo o dinheiro que ganharam com a venda de suas terras, não conseguiram adaptar-se à vida nas grandes cidades e acabaram retornando à zona rural, mas como 'bóias-frias', mal pagos e explorados pelos usineiros.

Estudo elaborado pela Fetaesp aponta a existência de aproximadamente 400 mil 'bóias-frias' espalhados praticamente por todo o Estado e principalmente nas áreas de produção de cana, como Jaú, Ribeirão Preto, Araçatuba, Assis e Piracicaba.

Por sua vez, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) diz que em todo o Brasil existem hoje perto de sete milhões de 'bóias-frias' recebendo o salário mínimo da categoria. Acontece que a segunda parte dessa informação pode ser contestada, pois no interior de São Paulo muitos fazendeiros estão sendo denunciados por explorarem os trabalhadores pagando salários inferiores ao mínimo.

Recentemente, o Ministério do Trabalho aplicou multa de Cr\$ 10 milhões à usina São Luís, de Ourinhos, que vinha obrigando mais de três mil cortadores de cana e assinarem recibos em branco, que depois eram preenchidos, no escritório, com os valores mínimos exigidos pela lei. Os trabalhadores de São Luís, na verdade, recebiam menos do que a metade do salário mínimo rural.

Para o Presidente da Fetaesp, Roberto Horiguti, a tensão no meio rural vem crescendo nos últimos anos, em virtude da situação sócio-econômica dos trabalhadores, mas afirma que os acordos estabelecidos em Guariba, entre usineiros e trabalhadores, são de um avanço sem precedentes para os trabalhadores rurais.

**(Página 7)**